Centro
de Referência
Paulo Freire

Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire

acervo.paulofreire.org

InstitutoPauloFreire

FPP-PTPF-07-0098

PAULO FREIRE E A CULTURA

CULTURA

José Eustáquio Romão

Um dos temas caros aos membros do Instituto Paulo Freire, tanto por força das disposições estatutárias da entidade, quanto pelo reiterado retorno a ele por seu patrono, é o da cultura, enfocado pelo viés da ideologia, da diversidade e da historicidade.

Numa de suas últimas obras, Paulo assim se expressou:

Há um outro aprendizado demasiado importante mas, ao mesmo tempo, demasiado difícil de ser feito sobretudo em sociedades altamente complexas como a norte-americana. Refiro-me ao aprendizado de que a compreensão crítica das chamadas minorias de sua cultura não se esgota nas questões de raça e de sexo, mas demanda também a compreensão nela do corte de classe.

Portanto, para o autor da *Pedagogia do Oprimido*, não há como se abstrair da questão ideológica na consideração de qualquer cultura, porque o corte classista perpassa todas as manifestações dos sistemas simbólicos de qualquer formação social. Embora considere o "corte classista" como determinante, Paulo não deixa de reconhecer outros condicionantes modernos, como o racial e o sexual.

Em segundo lugar, a diversidade é característica essencial inerente às formulações culturais, uma vez que estas estão carregadas das projeções, interesses e ideais dos membros das classes que as construíram e explicitaram em contextos condicionados/condicionantes.

A multiculturalidade é outro problema sério que não escapa igualmente a essa espécie de análise. A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade ***conquistada****, no direito* ***assegurado*** *de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada um "para si"...*

E é interessante observar que Paulo considera a própria tensão multicultural como um processo, uma vez que ela é sempre "sendo", sempre inacabada. É processo de estruturação unitário na diversidade.

Essas reflexões de nosso Mestre Maior da Educação de Adultos nos remetem para algumas considerações relativas às relações entre a chamada "cultura erudita" e a "cultura popular". Aliás, esta distinção não deixa de ser etnocêntrica dada a conotação sociológica positiva conferida ao qualificativo "erudito". Sem desprezo por ele, mas com o objetivo de colocá-lo em seu devido lugar, lembramo-nos das palavras do padre Sertillanges: "A erudição é um pálido verniz que encobre o vazio do fundo". Por outro lado, sabemos que, na prática, só mais recentemente a "cultura popular" ganhou o *status* acadêmico, sem ter ainda não penetrado nos currículos escolares, a despeito de sua louvação nos discursos dos "educadores progressistas". De um modo geral, quando considerada pelos eruditos, a cultura popular é aprendida pelo viés do folclore, numa espécie de contemplação paternalista e benevolente do pitoresco popular.

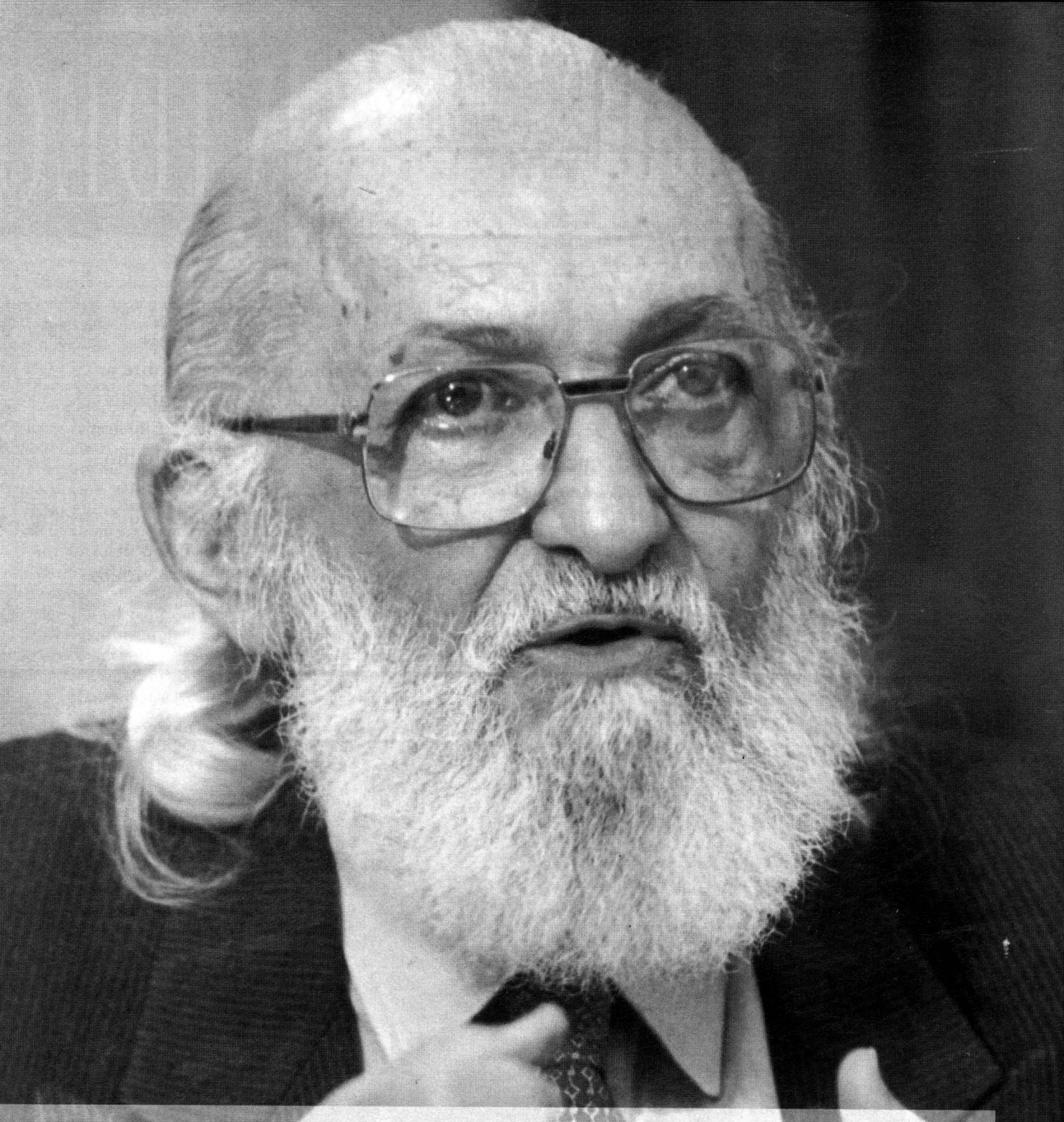
O conceito de multiculturalidade resgata a identidade de cada processo específico de "leitura e elaboração do mundo" pelas diversas classes sociais, sem comparações etnocêntricas.

Sabemos que não é fácil nos desvencilharmos de uma sintaxe, de uma lingüística e de um universo de valores veiculados pela escola, esquecendo-nos, na maioria das vezes, que esses elementos, traduzidos em componentes curriculares, foram elaborados por determinados "grupos-funcionários" de um Estado que sempre esteve a serviço de determinados segmentos sociais e, portanto, revestidos da ideologia desses segmentos. Também em obra recente, José Tamarit lembrava a fábula recolhida por Ataualpa Yupanki nos altiplanos, sobre a indagação de um líder camponês a um homem erudito e que se exprimia mais ou menos assim:

Que veneno têm as letras, senhor, que aqueles dentre nós que as absorvem se voltam contra os seus?

Toda obra freireana está centrada na defesa da visão de mundo das camadas oprimidas. Certamente pesaram nesta opção os pressupostos de que todos os homens, independentemente de sua condição social, são capazes de aprender e de ensinar e de que não é possível a aprendizagem da escrita e da leitura - num mundo cada vez mais grafocêntrico, sem o reconhecimento e a valorização das formas culturais primeiras de leitura do próprio mundo. Portanto, a opção pelo oprimido não se dá por uma generosidade místico-epistemológica, mas pela convicção de que os outros enfoques não foram capazes de construir sociedades mais humanas e mais justas.

Independentemente das provas históricas concretas da eficácia de um processo de alfabetização criado por ele e referenciado nestes princípios, só por eles, Paulo Freire já teria garantida sua inscrição na galeria dos maiores pensadores deste final de século e de milênio.



Dia 14 de maio de 1987, Moacir Gadotti submeteu Paulo Freire a uma brincadeira muito séria, a que umas das filhas de Marx fez com seu pai. Trata-se de um questionário com 17 quesitos:

A qualidade que você mais aprecia:

Nas pessoas: coerência

Nos homens: decisão

Nas mulheres: ternura

O seu traço característico: tolerância

Sua idéia de felicidade: luta

Sua idéia de desgraça: opressão

O defeito que mais desculpa: amar errado

Sua antipatia: intelectual arrogante

Sua ocupação predileta: ensinar-aprender

Seus poetas prediletos: Bandeira, Drummond, Thiago de Melo, Chico Buarque - no Brasil

Seus prosadores prediletos: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jorge Amado - no Brasil

Seu herói predileto: meu pai

Sua heroína predileta: Elza

Sua flor predileta: rosa

Sua cor predileta: vermelho

Seu nome predileto: Maria

Seu prato predileto: peixe ao leite de coco

Sua máxima predileta: ama sem medo

Sua divisa predileta: unidade contra a opressão